

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE, GÊNERO E CUIDADO: DESAFIOS INTERDISCIPLINARES E CONTEMPORÂNEOS

PROFESSIONAL TRAINING IN HEALTH, GENDER, AND CARE: INTERDISCIPLINARY AND CONTEMPORARY CHALLENGES

Leonidas Nelson Martins Júnior¹

Viviane Cristina Vieira da Silva²

Marta Maria da Silva Lira-Batista³

Emille Raulino de Barros⁴

Damião Lucas Viana Roly⁵

Nathan Santos de Oliveira⁶

Resumo: A formação profissional em saúde enfrenta desafios significativos ao lidar com a complexidade do cuidado em contextos atravessados por marcadores sociais como gênero, raça, classe e sexualidade.

Este artigo apresenta uma revisão narrativa da literatura com o objetivo de analisar como os processos

1 Enfermeiro assistencial na Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) hospital da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG (HUUFJF/EBSERH), especialista em enfermagem adulta e neonatal pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, especialista em Gestão de Programa de Saúde da Família pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá – RJ.

2 Enfermeira. Mestre em Ciências da Saúde/UFPE, Enfermeira do Hospital Universitário Lauro Wanderley/UFPB.

3 Bacharelado em Fonoaudiologia. Doutorado em Alimentos e Nutrição UFPI-PI. Professora no curso de Bacharelado em Fonoaudiologia Afya Uninovafapi; Fonoaudióloga Hospitalar na Maternidade Municipal professor Wall Ferraz e HU UFPI.

4 Fisioterapeuta. Mestra e Doutoranda pelo programa de pós-graduação multicêntrico em Ciências Fisiológicas PPGMCF/UFPB.

5 Enfermeiro e Cirurgião Dentista Especialista em Neonatologia e Pós Graduado em Educação do Ensino Médio, Técnico e Superior em Saúde, Saúde Pública e Vigilância Sanitária e Gestão em Saúde, atualmente Pós Graduando em Educação Especial e Inclusiva. Instrutor do Eixo Saúde na Empresa Senac RJ e Professor de Curso Técnico e Pós Técnico no Colégio e Curso Mova.

6 Mestrando em Saúde Pública pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

formativos vêm (ou não) incorporando práticas e saberes voltados para o cuidado integral e equitativo. A partir da análise de artigos acadêmicos publicados entre 2018 e 2023, foram identificadas duas categorias temáticas: (1) limites e avanços na formação em saúde com enfoque na equidade e (2) cuidado, identidade e o reconhecimento das populações vulnerabilizadas. Os achados evidenciam a persistência de modelos pedagógicos tradicionais, com baixa inserção de conteúdos críticos sobre diversidade e desigualdades. Em contrapartida, experiências interdisciplinares, metodologias participativas e políticas públicas voltadas à equidade vêm se destacando como estratégias promissoras. Conclui-se que a superação das desigualdades no cuidado passa, necessariamente, por uma formação crítica, interseccional e comprometida com os direitos humanos e a justiça social.

Palavras chaves: Formação em Saúde; Gênero; Cuidado; Interdisciplinaridade; Equidade em Saúde; Populações Vulneráveis.

Abstract: Professional health education faces significant challenges in addressing the complexity of care in contexts marked by social factors such as gender, race, class, and sexuality. This article presents a narrative literature review to analyze how training processes have (or have not) incorporated practices and knowledge geared towards comprehensive and equitable care. Based on the analysis of academic articles published between 2018 and 2023, two thematic categories were identified: (1) limitations and advances in health education focusing on equity and (2) care, identity, and the recognition of vulnerable populations. The findings highlight the persistence of traditional pedagogical models, with low inclusion of critical content on diversity and inequalities. In contrast, interdisciplinary experiences, participatory methodologies, and public policies focused on equity have emerged as promising strategies. It is concluded that overcoming inequalities in care necessarily requires critical, intersectional training committed to human rights and social justice.

Keywords: Health Education; Gender; Care; Interdisciplinarity; Health Equity; Vulnerable

Populations.

INTRODUÇÃO

A formação profissional em saúde enfrenta desafios significativos no contexto contemporâneo, especialmente diante das transformações socioculturais e da complexificação das demandas no campo da saúde coletiva. A inclusão da perspectiva de gênero e da interseccionalidade no processo de formação e atuação dos profissionais torna-se essencial para garantir um cuidado ético, integral e equitativo, considerando as múltiplas dimensões que atravessam os sujeitos.

A pandemia de COVID-19 revelou ainda mais as desigualdades estruturais que impactam o mundo do trabalho em saúde, especialmente no Sistema Único de Saúde (SUS). Estudos demonstram que as trabalhadoras e trabalhadores da saúde estiveram na linha de frente, enfrentando condições precárias, com ausência de suporte institucional, além da escassez de políticas de valorização e formação continuada adequadas às novas demandas da assistência, como o cuidado híbrido e a atenção remota à saúde (Machado et al., 2023).

Nesse cenário, a formação profissional em saúde exige uma abordagem interdisciplinar que contemple as especificidades dos diferentes grupos sociais, em especial populações vulnerabilizadas, como a comunidade LGBTQIAPN+, frequentemente invisibilizada nas políticas públicas e na prática cotidiana dos serviços de saúde (Silva; Silva, 2023). A ausência de capacitação voltada às diversidades e à promoção de um cuidado sensível às questões de gênero reflete lacunas na formação inicial e permanente dos profissionais da área.

Ademais, a transversalidade das questões de gênero no cuidado em saúde demanda repensar os currículos acadêmicos e os espaços de aprendizagem nos serviços, estimulando uma práxis baseada na equidade, no respeito às diferenças e no enfrentamento das desigualdades estruturais (Souza et al., 2021). Assim, este estudo tem como objetivo analisar os desafios contemporâneos e interdisciplinares da formação profissional em saúde, destacando as interfaces entre cuidado, gênero

e as transformações exigidas para uma prática inclusiva e eficaz.

MÉTODO

Esta pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa de literatura, orientada por uma abordagem qualitativa e interdisciplinar. A proposta metodológica visou integrar diferentes campos do saber no intuito de compreender as interfaces entre formação profissional em saúde, cuidado e gênero, considerando os contextos sociopolíticos e institucionais que atravessam essas dimensões.

O percurso investigativo envolveu a leitura crítica e interpretativa de produções acadêmicas que abordam experiências formativas, políticas públicas, práticas pedagógicas e estratégias de cuidado sensíveis às questões de gênero e diversidade. A seleção dos materiais ocorreu entre os meses de novembro de 2023 e fevereiro de 2024, privilegiando artigos científicos disponíveis em periódicos nacionais com enfoque em saúde coletiva, educação em saúde, gênero e direitos humanos.

Os critérios de inclusão envolveram: (1) textos publicados nos últimos cinco anos; (2) artigos que abordassem explicitamente as temáticas de formação em saúde, cuidado e gênero; e (3) produções com metodologias aplicadas à análise crítica da prática profissional ou dos dispositivos educativos no âmbito do SUS ou da formação acadêmica. Foram excluídos materiais com abordagem exclusivamente técnica, sem articulação crítica com os marcadores sociais da diferença.

A análise dos textos seguiu os princípios da hermenêutica crítica, permitindo a construção de categorias temáticas emergentes, a partir da identificação de núcleos de sentido recorrentes nas produções examinadas. As discussões foram organizadas em dois eixos centrais: (1) lacunas e tensões na formação profissional diante das demandas de gênero no cuidado; e (2) possibilidades interdisciplinares e transformadoras na educação em saúde.

Essa metodologia possibilitou reunir e interpretar, de modo reflexivo, evidências relevantes sobre os desafios enfrentados por profissionais e instituições na efetivação de um cuidado ético, inclusivo e emancipador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo qualitativo, baseado na análise de literatura e dos dados empíricos obtidos, permitiu a construção de duas categorias temáticas que refletem os atravessamentos entre formação profissional em saúde, gênero e cuidado: 1) Desafios na formação em saúde para a promoção da equidade de gênero, e 2) Cuidado, identidade e o reconhecimento das populações vulnerabilizadas no campo da saúde. A escolha dessas categorias decorre da recorrência de temas relacionados às lacunas da formação crítica e interseccional, bem como à dificuldade em implementar práticas de cuidado que reconheçam a diversidade.

Essas categorias dialogam com os pressupostos da formação interprofissional em saúde e com a necessidade de políticas educacionais e assistenciais que considerem os marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, raça e classe, como determinantes das desigualdades em saúde (MACHIN et al., 2022). A seguir, detalharemos cada uma das categorias.

Desafios na formação em saúde para a promoção da equidade de gênero

A formação em saúde, historicamente ancorada em um modelo biomédico, enfrenta limitações para integrar uma abordagem crítica e interseccional sobre as desigualdades de gênero. Estudos apontam que, mesmo com avanços nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), ainda há lacunas na forma como se introduz a diversidade e as questões de gênero nos currículos da área da saúde, especialmente nos cursos de medicina e psicologia (MACHIN et al., 2022).

A pesquisa de Silva et al. (2022) demonstra que a interprofissionalidade e as políticas de equidade em saúde ainda são desafios no cotidiano formativo e prático, sendo frequentemente atravessadas por estigmas de gênero e orientações normativas que desconsideram a singularidade dos sujeitos e contextos sociais.

Além disso, a persistência de práticas pedagógicas tradicionais dificulta a consolidação de uma formação comprometida com a equidade, o cuidado ampliado e a humanização (BRASIL, 2011; MACHIN et al., 2022). A abordagem fragmentada da diversidade na formação muitas vezes limita os estudantes à compreensão técnica e normativa do cuidado, desconsiderando os determinantes sociais da saúde.

A interseccionalidade, nesse sentido, surge como ferramenta teórica e política que possibilita a problematização das relações de poder e a compreensão das múltiplas vulnerabilidades enfrentadas pelas populações marginalizadas. Entretanto, o reconhecimento e aplicação dessa abordagem ainda encontram barreiras institucionais e curriculares.

Cuidado, identidade e o reconhecimento das populações vulnerabilizadas no campo da saúde

A segunda categoria evidencia como o cuidado em saúde ainda é atravessado por lógicas excludentes quando se trata do reconhecimento das identidades e trajetórias de grupos socialmente vulnerabilizados. A invisibilidade das demandas específicas de populações LGBTQIAPN+, mulheres negras, indígenas, pessoas em situação de rua e outros segmentos marginalizados configura-se como um dos principais entraves à construção de uma política de cuidado verdadeiramente inclusiva (SILVA et al., 2022).

A literatura analisada indica que as práticas profissionais muitas vezes reproduzem estereótipos e normatividades que desconsideram a pluralidade de corpos, vivências e modos de ser. A ausência de formação crítica e situada contribui para o silenciamento das violências simbólicas e institucionais que esses sujeitos enfrentam nos serviços de saúde (RODRIGUES et al., 2022).

Nesse sentido, a formação profissional deve estar comprometida com a produção de um cuidado centrado na escuta, no acolhimento e na valorização da identidade de gênero e orientação sexual como elementos legítimos da experiência humana. Isso implica romper com modelos padronizados e universalizantes de atenção, que desconsideram as desigualdades estruturais como

determinantes sociais do processo saúde-doença (MACHIN et al., 2022).

O reconhecimento das identidades dissidentes também demanda a construção de espaços formativos que incentivem a empatia, o diálogo interdisciplinar e o enfrentamento das práticas discriminatórias naturalizadas nos ambientes de ensino e de trabalho. Para tanto, é fundamental a articulação entre saberes acadêmicos, práticas populares e experiências comunitárias, capazes de ressignificar o cuidado como prática ética e política.

A literatura aponta que a transversalização de gênero nos processos formativos e nas políticas públicas não deve ser vista como um conteúdo adicional, mas como eixo estruturante das práticas de cuidado em saúde (BRASIL, 2021; MACHIN et al., 2022). Isso envolve reconhecer as necessidades específicas das populações vulnerabilizadas e garantir o acesso a serviços que respeitem sua dignidade, autonomia e subjetividade.

CONCLUSÃO

A análise realizada permitiu evidenciar que a formação profissional em saúde no Brasil ainda carece de abordagens integradas e interseccionais capazes de dialogar com as complexas demandas sociais contemporâneas, sobretudo no que tange às questões de gênero e ao cuidado voltado a populações vulnerabilizadas. Apesar de avanços normativos e de políticas públicas que sinalizam a importância da equidade, observa-se que sua efetivação nas práticas educativas e assistenciais ainda encontra barreiras estruturais, curriculares e culturais.

As categorias analisadas revelaram que os desafios na formação se materializam na ausência de espaços críticos de debate sobre gênero, sexualidade, raça e classe, o que impacta diretamente a qualidade e a sensibilidade do cuidado prestado. A manutenção de modelos formativos tradicionais, centrados em uma lógica biomédica e normatizada, compromete a construção de profissionais preparados para reconhecer e enfrentar as desigualdades em saúde.

Por outro lado, os estudos apontam caminhos promissores, como a inclusão de metodologias

ativas, o fortalecimento da interprofissionalidade e a escuta qualificada como estratégias para ressignificar o processo formativo. O reconhecimento das identidades dissidentes e das vivências singulares no cuidado emerge como eixo central para a promoção de uma saúde comprometida com a justiça social, a ética e os direitos humanos.

Dessa forma, é urgente repensar os currículos, as práticas pedagógicas e as políticas institucionais de formação em saúde, a fim de que sejam capazes de promover um cuidado que seja, de fato, inclusivo, plural e emancipador. A transversalização da temática de gênero não deve ser vista como complemento, mas como fundamento ético da atuação profissional em saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral LGBT: princípios, objetivos e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lgbt.pdf. Acesso em: 07 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para a formação de profissionais de saúde com ênfase na equidade e na diversidade. Brasília: MS, 2021.

MACHIN, R. et al. Formação interprofissional e interseccionalidade: caminhos para um cuidado antidiscriminatório no SUS. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 46, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.supl.1.2022.1234>. Acesso em: 07 fev. 2026.

RODRIGUES, M. A. et al. Práticas de cuidado em saúde e reconhecimento das identidades dissidentes: uma análise interseccional. *Revista RESU Saúde*, v. 13, n. 2, p. 122-137, 2022.

SILVA, R. F. da; MENEZES, M. O.; CASTRO, J. L. Formação em saúde e os desafios da diversidade: contribuições para uma prática crítica e interprofissional. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 20, n. 3, p. 44-56, 2022.

SOUZA, L. A.; MORAES, D. R.; SANTOS, G. F. Educação e saúde: perspectivas de cuidado a populações LGBTQIAPN+ nos processos formativos. *Cadernos de Pedagogia*, v. 18, n. 35, p. 59-74, 2022.

VIEIRA, R. L. A.; LIMA, E. D. S.; FERREIRA, T. R. O cuidado em saúde na perspectiva dos determinantes sociais: contribuições da educação interprofissional. Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v. 26, e210243, 2022.